

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. **Síndrome de Lúcifer**. Betânia, 1988. 131p. Resumido por J.L.Hack em abril de 2001. [Comentário prático sobre a epístola de Judas, abordando a soberba inerente aos que se sobressaem como religiosos diante dos homens. Apreciei particularmente o capítulo 3.]

Em Judas percebemos os mesmos traços de rebelião que se pode perceber na atitude do anjo de luz que se autoalienou de Deus. Esta síndrome de Lúcifer pode se manifestar com extrema similaridade nos líderes religiosos – corre-se o risco de estar empanando o brilho da glória de Deus pela glorificação do nosso ego (cf. Ez 28).

0. [v.1-2]: Judas visa confrontar a nova teologia que ameaça arruinar a Igreja. Não adiantava escrever um texto que não fosse pertinente às necessidades do povo de Deus. Fazer teologia desvinculada da vida concreta é fazer poesia abstrata. Os pensadores cristãos devem fazer propostas, mas também oferecer respostas cristãs ligadas às questões da vida. A síndrome de Lúcifer começa com a autoexaltação, até que se perde a noção de que Deus é a fonte de todo bem e virtude. Foi o que ocorreu na queda (Gn 3): A) relativização da Palavra, acolhendo uma dúvida satânica (v.2) e depois alterando a Palavra (v.3). Quem altera para mais, também altera para menos ou nega (v.4). B) Autodivinização: primeiro atribuindo a Deus imposição tirânica de limites (v.5), depois desejando superar as condições originais para ser semideus. C) Absolutização de si mesmo (v.6): desejando tudo que apela ao apetite, ao senso estético e ao crescimento intelectual.

1. [v.3-7]: A maior ameaça à Igreja não vem de fora, mas de dentro dela (v.3), dos dissimuladores (v.4) que buscavam baratear a graça e negar o senhorio de Jesus. Transformavam a graça em libertinagem, fazendo abundar o pecado para obrigar Deus a ser gracioso. Também o legalismo prescinde da graça pois concebe que a vida santa depende do homem, mas no final a moralidade autopatrocinada falha e vem o pecado. Negam o senhorio de Jesus sutilmente (Tt 1.16): ortodoxos na confissão de fé mas não na prática (Is 1.13). Por que surge a síndrome? A) Pela incredulidade amargurada que gera sedição (v.5). A incredulidade de Israel havia se tornado crônica (Nm 14.22). B) Pelo orgulho que não tem limites (v.6), que se traduziu numa incapacidade de manter o estado original, buscando abandonar os limites morais, psicológicos e espirituais impostos por Deus. C) Pelo prazer que se torna impureza (v.7) devido à sua absolutização e priorização em relação à santidade.

2. Sintomas da síndrome [v.8-10,16]: A) Misticismo patológico (v.8), que tenta justificar seu desvio da fé em revelações especiais. Tais revelações podem vir de quatro fontes: de Deus, do diabo, da mente ou da má fé. B) Incapacidade de aceitar qualquer governo (v.8). Quem quebra o princípio primeiro de autoridade (a Deus), quebra todos os demais princípios. C) Difamação de autoridades (v.8-10), achando ter conhecimento. D) Insatisfação destrutiva (v.16), manifesta pela murmuração e descontentamento, que não são conciliáveis com uma vida ligada a Deus. E) Autopromoção (v.16), alardeando de modo sutil histórias impressionantes sobre si. É uma espiritualidade exibicionista, em geral permeada de mentiras com a desculpa de dar glória a Deus. Quem fala que faz geralmente não faz; quem faz, faz e não fala.

### 3. Trajetória histórica [v.11]:

**A) Discípulos de Caim**, cuja caminhada foi definida por quatro marcas: I) Caim deu mais valor às ofertas aparentes (religiosidade) do que à essência da vida com Deus (Gn 4.3-5). Deus se agrada primeiro da pessoa e depois da oferta. Ele estava mais preocupado com a coerência de vida de Caim (4.7); II) encheu-se de inveja pela graça de Deus na vida de seu irmão, ao contrário de Barnabé (At 11.23-24). Encheu-se de ódio contra Abel e contra Deus (Gn 4.5-6). III) Transformou a mente num local de homicídio (4.8), iniciando com seu ódio ao irmão (1Jo 3.11,15). IV) Alegou irresponsabilidade para com seu irmão (Gn 4.9). A última expressão do ódio é a indiferença (1Jo 3.17).

**B) Discípulos de Balaão**, que foi alguém com um tremendo carisma (Nm 22.6) e contato direto com Deus (22.9,20; 23.5,16; 24.2). Sua fé não era muito sadia (24.1; 22.7), pois praticava encantamentos. Seu erro foi a ganância, cobiçando a recompensa pelos agouros contra Israel (2Pe 2.15; Nm 22.7,17; 24.11). Estava seduzido pela oferta e desejava ver se Deus tinha mudado de ideia

(22.19). Que passos se dá quando se quer manipular a graça e os dons de Deus a seu favor? I) Duvida do que é óbvio na Palavra (22.8); II) Acha que os mandamentos são chata imposição (22.18,13); III) Crê que Deus faz concessões a seu favor (22.19); IV) Não dá atenção à Palavra (v.20, Deus falou “se...” e Balaão entendeu “vai”). Quando isto acontece, provoca-se a ira de Deus (22.22) e se expõe ao ridículo (a jumenta tornou-se profeta para Balaão, v.28-30; 2Pe 2.16). Balaão não era apenas avarento e ganancioso, querendo usar a unção em causa própria. Ele não conseguiu amaldiçoar o povo, mas se uniu a ele, pregando uma graça barata que leva ao pecado (Nm 31.16).

**C) Discípulos de Coré**, que manifestam desamor (ênfase na liturgia e não na santidade de vida), amor às honras humanas e ao dinheiro (manipulando a verdade para seus interesses) e vida sem limites e sem autoridade. Coré tentou exceder os limites impostos por Deus (Nm 16.9-10). Havia nele volúpia espiritual – queria sempre mais. I) Não respeitava os limites divinos. Seu discurso era correto, bíblico (v.3), mas a motivação verdadeira não era a preocupação com a “tirania” de Moisés (pois este era manso, 12.3). Desejava tirar a liderança de Moisés para fazer sobressair a sua. Questionou a unção de Deus sobre Moisés e Arão. II) Não respeitava os limites da sua função. Não estava contente com sua função na congregação e pretendia lutar por uma posição melhor. III) Não respeitava os limites circunstanciais, contrastando as promessas de Moisés com o deserto em que viviam (v.12-14). Mas é Deus quem se levanta para dar um basta (v.28-33).

4. Falsos profetas [v.12-13]: Embora sejamos exortados a não julgar subjetivamente (Mt 7.1-3), pois há trigo e joio no Reino (13.36-43), Jesus também adverte contra os falsos profetas (7.15-20). É possível identificá-los pelos resultados morais, não pela sua confissão de fé (7.21) ou expressões carismáticas (7.22-23). Judas os descreve como: A) Rochas submersas: são especialistas em fazer as pessoas naufragarem na fé. Estão dentro da igreja, na celebração da comunhão (v.12). B) Pastores de si mesmos (Ez 34.8): não se preocupam com as ovelhas (2Co 11.28-29). C) Nuvens vazias: com promessas que não se cumprem (Pv 15.14). São altivos, mas instáveis, impelidos pelo vento (Ef 4.14). D) Árvores estéreis: vida sem frutos de arrependimento (Mt 3.8) e de serviço (Hb 6.7-8; 10.1). Duplamente mortos (Hb 10.26-29), sem raízes na graça divina (Sl 52.5; Pv 2.22). E) Ondas de ressaca (v.13): o que neles habita vem à tona como lixo moral. F) Estrelas errantes: têm fulgor, mas não tem rumo e perderão para sempre sua luz.

5. Juízo de Deus inevitável [v.14-15]: A) Será também religioso e não só secular, atingindo a Igreja. Jesus abominou a teologia correta que não gerava vida santa (Mt 23). B) A religião também é lugar de perversidades e blasfêmia e precisa do juízo divino. Devemos cuidar com o isolacionismo, ativismo, legalismo e superespiritualidade (que se supõe mais que os outros) pois estes fatores levam à síndrome.

6. [v.18-23]: para enfrentar esta situação, é preciso retornar ao ensino apostólico, que já alertava para os escarnecedores e sensuais (At 20.29-30; 1Tm 4.1-3; 2Tm 3.1). A) É preciso se fundamentar na fé santa (v.20), que possui sua expressão no meio dos irmãos (“vossa fé”). B) Orar no Espírito: discutir menos e ter mais comunhão com o Pai. C) Permanecer no amor de Deus (Rm 8.37-39). É possível o rejeitarmos, mas devemos retribuí-lo amando a Deus. D) Agarrar-se à misericórdia que se renova a cada manhã (Lm 3.22). E) Compadecer-se dos iludidos (v.22-23): o amor e a tolerância podem reduzir muito o número de “hereges”. F) Compadecer-se dos que iludem, mas se afastar dos seus pecados (v.23). Confrontação amorosa (2Tm 2.24-26) visando o arrependimento (Mt 18.15-21) e não o exercício de santidade exclusivista (Is 65.5). Há um limite, porém, nesta busca do “herege” (Tt 3.10-11), para que ninguém se contamine com seus pecados.

7. [v.24-25] tanto Is (14.12-16) quanto Ez (28.11-15) comentam o narcisismo de Lúcifer, que se proliferou nas instituições humanas seculares e religiosas. Estas sufocam os homens e o relacionamento com Deus em função de seus próprios interesses mesquinhos. O pecado nada mais é do que retirar Deus como referência da vida humana, estabelecendo no seu lugar o desejo de autossatisfação e autoexpansão. A única maneira de se vencer o mal de Lúcifer é mediante a resolução radical de se oferecer a vida à glória de Deus.